

O progresso chega ao sertão: transformações urbanas em Campo Grande no início do século XX.

Carlos Alexandre Barros Trubiliano*
Carlos Martins Junior**

Hoje, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, com cerca de 800 mil habitantes, Campo Grande tem suas origens remetidas ao ano de 1872 quando, vindo de Minas Gerais, José Antônio Pereira e sua comitiva acamparam em terras da região central do planalto da Serra de Maracaju, mais precisamente na confluência dos atuais córregos Prosa e Segredo.¹

Nascido como pouso de boiadeiros, o Arraial de Santo Antonio de Campo Grande, fundado em 1872, cresceu rapidamente. Em 1889, a Lei Estadual nº 792 transformou o lugarejo no Distrito de Paz de Campo Grande, pertencente à Comarca de Nioaque. Emancipando de Nioaque, em 26 de agosto de 1899, foi elevado à categoria de cidade pela Lei nº 772, de 16 de julho de 1918.²

A sua localização geográfica estratégica, num ponto que ligava vários caminhos em todas as direções cardeais, fez com que houvesse um aumento significativo do número de viajantes e comerciantes que transitavam pelo local. Isso resultou no estabelecimento de um mercado mais efetivo de

*Mestre em História pela UFGD. Professor da rede pública de ensino.

**Doutor em História, professor titular de teoria da História na UFMS

¹ Durante a guerra com o Paraguai, ficou conhecida como *campo grande* a encruzilhada do Nioaque, na região central do planalto da Serra de Maracaju, onde hoje se localiza o distrito de Indubrasil. Informação obtida em: OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino de. *Ruas e Calçadas de Campo Grande - MS. Uma Contribuição ao Estudo dos Espaços Públicos Urbanos*. Dissertação (Mestrado em História) USP. São Paulo: 1997.p. 18.

² *Campo Grande - 100 Anos de Construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999, p. 274.

trocas, tanto internamente em Campo Grande, quanto como em outras poucas localidades existentes no sul do Mato Grosso³.

Deste modo, no início do século XX Campo Grande contava com cerca de 2.000 habitantes e, aproximadamente, 200 casas; em 1912, o novo município já somava 5.000 almas.⁴ Em 1920, essa população subiu para 21.000 habitantes, saltando para 40.000 habitantes, em 1933,⁵ e para 49.629 sete anos mais tarde.⁶ Entre 1920 e 1940, a população da zona urbana cresceu de 6.000 para 24.479 habitantes, praticamente igualando à população rural.⁷

Entre os fatores capazes de explicar esse rápido crescimento populacional, pode ser arrolada a intensa migração decorrente da chegada, em maio de 1914, dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, facilitando a vinda de um grande contingente de migrantes do Sul e do Sudeste, de imigrantes japoneses, alemães, russos e búlgaros, os quais se instalaram em terras do atual município de Terenos, passando a constituir importante pólo de desenvolvimento agrícola.⁸ Por outro lado, atrelando o município aos pólos mais dinâmicos do capitalismo do Sudeste, a Noroeste do Brasil também teria contribuído com a transferência do foco comercial de Corumbá para Campo Grande, atraindo para essa cidade as comunidades libanesa, síria, armênia e turca, que se destacariam na ampliação do comércio local⁹.

³ OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino. *Nas Ruas da Cidade: um estudo geográfico sobre as ruas e calçadas de Campo Grande*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1999.p.54

⁴ *Álbum Gráfico de Mato Grosso (EEUU do Brasil)*. Corumbá Hamburgo: Ayala & Simon Editores, 1914, p. 412.

⁵ *Revista Folha da Serra*, Campo Grande, 1933.

⁶ IBGE - *Evolução Demográfica dos Municípios de Mato Grosso do Sul segundo os Censos Demográficos Realizados e a Contagem*. RJ: IBGE, 1996.

⁷ Dados obtidos no IBGE - *Evolução Demográfica dos Municípios de Mato Grosso do Sul [...]*; ARRUDA, Gilmar. "A Ferrovia Noroeste do Brasil: o último trem para o sertão". *Cadernos de Estudos Urbanos*. Campo Grande: Conselho Regional de Construtores de Imóveis, n° 3, 1995, p. 32.

⁸ *Campo Grande - 100 Anos de Construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999, p. 278.

⁹ MACHADO, Paulo Coelho - *A Rua Barão*. Campo Grande: s/ed, p.1 06

Além dos emigrantes, a ferrovia trouxe para cidade propostas de organização urbana pensada pelos seus engenheiros encarregados de estudar o traçado da estrada de ferro Noroeste do Brasil. Sendo assim, em 1906, chefiadas pelo Engenheiro Emílio Schnoor¹⁰, as construções começam; no entanto, em 1909, a pequena vila passa a ter um traçado urbanístico elaborado pelo engenheiro agrimensor Nilo Javary Barém a pedido da Intendência Municipal. A Planta do Plano de Alinhamento de Ruas e Praças de Campo Grande foram traçadas em direção aos pontos cardeais e ortogonais entre si, ficando as quadras em formato de xadrez. O objetivo era colocar a cidade no universo da vida civilizada, que contivesse elementos da racionalidade urbanística, materializada na construção de ruas largas e de uma ampla avenida central ajardinada, pressupondo o sentido do fluxo intenso, bem como na edificação de uma praça central que se apresentaria como núcleo da vida em sociedade.¹¹

Segundo Ebner, essa planta indicava a construção das “ruas e avenidas mais largas no sentido leste – oeste e quadras retangulares subdivididas em lotes, na sua maioria com 2.500 m² e 50 metros de testada”¹², assim o traçado urbanístico básico da cidade criava um sistema de quadras e ruas com 382 lotes e fixava o local das futuras Praças Ary Coelho, República e Aquidauana, bem como, da Av. Marechal Hermes, atual Av. Afonso Pena.

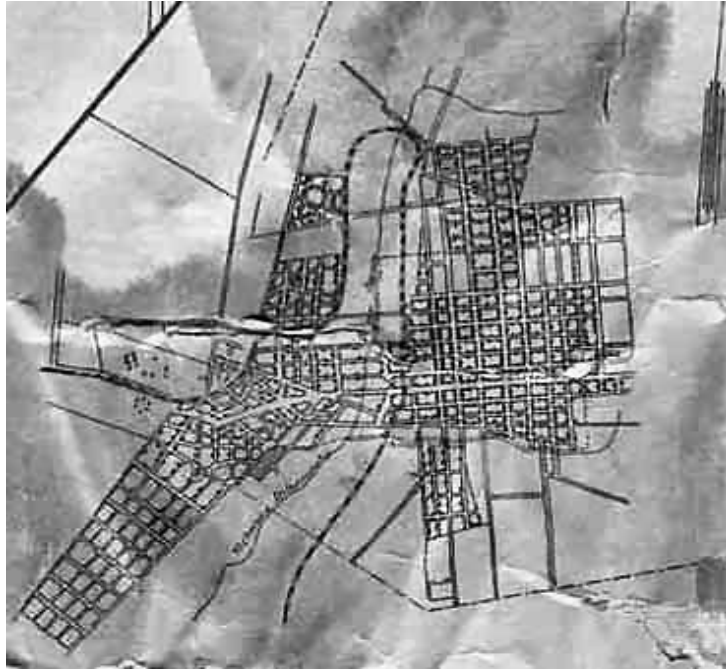
É imprescindível ressaltar que a ordenação do espaço, nesse contexto, tem para com a formação do homem uma

¹⁰ A história da Noroeste do Brasil teve início com o Decreto Federal n. 5.344, de 18/10/1904, quando foi organizada a Comissão de Reconhecimento da Região e de exploração de linhas férreas e telegráficas, chefiadas pelo Eng. Emílio Schnoor que propõe a alteração original do traçado (Bauru a Cuiabá via Uberaba, Porto Tabuado, Baús, Coxim e Cuiabá), dessa vez para Corumbá, passando por Campo Grande. As obras iniciam-se em 1905 e chegam a Campo Grande em 1914. In: ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *Campo Grande: arquitetura, urbanismo e memória*. Campo Grande. UFMS, 2006.p.78

¹¹GARDIN, Cleonice. *Campo Grande entre o Sagrado e o Profano*. Campo Grande: Ed. UFMS. 1999. 37-38 p.

¹² EBNER, Iris de Almeida Rezende. *Vazios Urbanos: uma abordagem do ambiente construído*. São Paulo; USP/FAU, 1997. p.217(Dissertação de Mestrado).

Campo Grande: Planta de 1909 organizada pelo Eng^o Nilo Javary Barém



Fonte: ARCA (Arquivo Histórico de Campo Grande)

relação de simbiose, em que homem e espaço físico se influenciam mutuamente. Portanto, ordenar o espaço tem um aspecto político muito mais relevante do que propriamente geográfico. Essa ordenação é de cunho pedagógico já que, dentre outros intuitos, visa ensinar o homem a se comportar na nova sociedade, que estava se constituindo em sintonia com o ideário republicano.

Parte desse esforço de ordenamento está na instalação e construção das obras dos quartéis militares em Campo Grande, entre os anos de 1921 e 1923. Para a realização das obras, a intendência municipal contratou a Companhia Construtora de Santos, de propriedade do engenheiro Roberto Cochrane Simonsen. O conjunto de obras executadas nesse período era composto pela sede do comando, hospital militar e

os quartéis militares.

A implantação desse conjunto de obras, no entanto, impulsionou a expansão urbana da cidade para a região oeste, possibilitando a implantação do primeiro bairro popular da cidade, o Amambai, projetado e instalado pela Intendência Municipal, para abrigar, principalmente, os operários urbanos que tinham trabalhado nas obras.¹³

Ainda sobre a lógica organizacional de Campo Grande, na região norte demarcada entre o polígono dos córregos Prosa e Segredo, são construídos os primeiros edifícios urbanos: o Jardim Público, onde se davam as principais manifestações de sociabilidade da cidade, e a Rua 14 de Julho, local que ligava o centro comercial com a estação de chegada e partida dos trens.

Vale salientar que, durante muitas décadas, essa região foi a escolhida pela elite campo-grandense como o lugar de preferência para a instalação dos seus comércios e espaços de entretenimento. Era nela, portanto, onde as mais importantes figuras da sociedade local se reuniam, ora nas portas dos seus estabelecimentos, ora em pontos tradicionais como o Café Néctar, a Farmácia São José ou os bares Bom Jardim, Cinelândia e Bom Gosto, para, além de conversarem sobre assuntos gerais, discutirem a respeito dos problemas da cidade.¹⁴

Essas reuniões informais e em locais públicos de pessoas influentes possibilitaram que a população local passasse a identificar a região norte da cidade como o local onde eram tomadas as principais decisões políticas da cidade.

Na medida em que Campo Grande configurava-se como um novo cenário urbano, havia, no imaginário de suas elites, a necessidade de demarcar os espaços das classes “perigosas” representada, sobretudo, pela ameaça da “invasão”, circulação e “mistura” dos antigos habitantes da cidade com a nova leva de migrantes “de toda casta”¹⁵, que acompanhariam a chegada do

¹³ ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. “A Arquitetura e o Urbanismo de Campo Grande”. In : Revista de Ciências Sociais, n ° 1, Uniderp, Campo Grande, 1998.

¹⁴ OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino. Op.Cit.88

¹⁵ “Os trilhos da Noroeste chegam a Campo Grande”. *Jornal O Estado de Mato Grosso*, Campo Grande, 01/06/1914, p. 1.

progresso trazido pelos trilhos de ferro, ou seja, de “estranhos” que, devido às suas origens, poderiam significar um verdadeiro flagelo para a sociedade [e] a tranquilidade pública. Em razão disso, desde o início do século XX, as elites locais passaram a elaborar mecanismos voltados para o ordenamento e o controle do espaço da cidade e sua população.

Esses esforços, de controle social, ficam claro nos 12 capítulos e 54 artigos presentes no primeiro Código de Posturas da Vila de Santo Antonio de Campo Grande, aprovado em 1905; nota-se que as idéias de higienização urbana vinham acompanhadas de uma concepção política, de divisão social e fiscalização sobre os membros das camadas subalternas da sociedade, considerados perigosos. A Lei estabelecia regras de higiene, limpeza e ordenamento para as áreas públicas, ao mesmo tempo em que tentava dar ao lugar uma regulamentação nas condutas moral e social. Através das novas normas procurava-se induzir, naqueles moradores de características ainda sertanejas, comportamentos mais condizentes com a realidade urbana, já vivenciada nos centros mais desenvolvidos.¹⁶

Exemplo nesse sentido reside nos artigos do Código de Postura, através da regulamentação da “economia e o asseio dos açougues”, de modo a evitar que o mau cheiro e os miasmas contaminassem o ar da cidade e contribuíssem para a disseminação de doenças. As autoridades públicas não deixavam também de manifestar o temor pela concentração de pessoas nas tavernas, pelo risco de propagação de doenças e de “idéias indesejáveis”, proibindo, em razão disso, “consentir-se, nas tavernas ou casas de bebidas, ajuntamento de pessoas que não estejam comprando” e também “conservar-se abertas as casas de negócio depois do toque de silêncio”.¹⁷

Deste modo, no anseio de incorporar Campo Grande ao mundo moderno, suas elites procuraram através do Código de Postura e da remodelação da cidade introduzir, na tradicional paisagem de “povoado de uma rua só”, elementos urbanísticos convencionalmente chamados, na época, de operações de

¹⁶ OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino. Op. Cit. 79.

¹⁷ Apud ARRUDA, Gilmar. Op. Cit. 1995, p. 42.

embelezamento e saneamento, os quais, utilizados pelas maiores cidades do mundo, formulavam outras relações sociais no espaço urbano pela criação de uma nova simbologia.

Com base nesses pressupostos urbanísticos, o novo Código de Posturas, lançado em 1921, teve como principal preocupação o arruamento, a delimitação dos terrenos e o tipo das construções do centro da cidade. Caberia a Arlindo de Andrade Gomes, como Intendente da cidade a partir de 1921, não somente o papel de “decorá-la” (conforme Paulo Coelho Machado: “foi ele quem arborizou as ruas e cuidou das praças e jardins e também de seu arruamento”¹⁸), mas de reformá-la, uma vez que as construções de taipa na área urbana central foram demolidas, cumprindo as condições de salubridade e de higiene impostas pelo Código de Posturas de 1921, que obrigava a demolição de imóveis de taipa e sua substituição por outro de alvenaria de tijolos.¹⁹

Como observou Gilmar Arruda, “a urbanização, ou melhor, o arruamento como foi chamado em Campo Grande, significava delimitar espaços de circulação e moradia entre os habitantes”.²⁰ Ainda para esse autor, a lógica que presidiria as diversas regulamentações de “higienização” e ordenamento da cidade:

era a de manter os ambientes arejados e iluminados. [...] A intenção era a de construir um novo tipo de moradia para um novo tipo de morador. As casas de taipa, por exemplo, não poderiam ser mais reformadas e as fachadas de zinco ou tábuas deveriam ser trocadas por tijolos. Os mais atingidos, conseqüentemente seriam os mais pobres, cujas casas não poderiam seguir as especificações dos Códigos de Posturas. Mais um resultado do ‘drama do progresso’.²¹

“Drama do progresso” que permaneceria pelas décadas seguintes. De passagem pelo sul de Mato Grosso em 1939,

¹⁸MACHADO, Paulo Coelho. *Arlindo de Andrade - Primeiro Juiz de Direito de Campo Grande*. Campo Grande: Tribunal de Justiça, 1988, p. 47.

¹⁹ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. *A casa em Campo Grande: Mato Grosso do Sul, 1950-2000 – parte 1*. Revista Arquitectos n^o 36, maio de 2003. s/p.

²⁰ARRUDA, Gilmar. Op. Cit. 1995, p. 43.

²¹Idem, ibidem.

Rezende Rubim, um entusiasta do Estado Novo e do programa de colonização varguista Marcha para Oeste, teceu o seguinte comentário sobre a cidade:

Campo Grande já é uma cidade importante, núcleo de convergência de diversos municípios próximos. A cidade é bem traçada em ruas largas, sendo algumas calçadas em Mac Adam. Possui um jardim muito gracioso e residências de primeira ordem. Nada fica a dever às cidades paulistas do ciclo do café. Sendo Campo Grande a sede da Região Militar e lá estando localizados alguns milhares de soldados, o elemento de farda avulta dentro da população civil. [...] A localização em Campo Grande da Região Militar trouxe grandes benefícios ao lugar. Derrama-se assim, mensalmente, uma soma respeitável de dinheiro no comércio local. [...] a cidade já possui elementos bastantes para esperar do futuro uma situação invejável. As cercanias com todas as fazendas e a localização de algumas colônias de japoneses tem concorrido para melhorar o padrão de vida dos habitantes, até há bem pouco tempo dependentes do produto paulista. A região campo-grandense, aliás como toda essa parte do sul do Estado, é cosmopolita. Quase todo o contingente humano é nascido em outras plagas. Para tanto, concorre a facilidade de acesso por intermédio de São Paulo [...]. Além disso, as fronteiras próximas, principalmente a do Paraguai, contribuem muito para que o sul do Estado seja, como é, uma região onde o elemento de fora esteja sempre em maioria.²²

Das observações de Rezende Rubim emerge um dado novo para a compreensão do desenvolvimento de Campo Grande: a presença do grande contingente militar, em razão da localização, na cidade, da 9^o Região Militar.²³ Se, do ponto de vista econômico, esse dado podia ser considerado positivo, da perspectiva política, porém, embora a presença dos militares fosse valorizada pelas elites locais como elemento de garantia da ordem e segurança aos que quisessem investir e se fixar

²² RUBIM, Rezende. *Reservas de Brasilidade*. SP: Cia Editora Nacional, 1939, pp. 126-127.

²³ Esse aumento do contingente militar começaria a ocorrer com a chegada e a fixação definitiva na cidade, em 8 de março de 1914, do 5^o Regimento de Artilharia Montada vindo de Aquidauana. Em 1922, instalou-se a Circunscrição Militar que se transformaria na 8^a Região Militar, à qual, a partir de 1932, ficou subordinado o 2^o Regimento de Aviação. *Campo Grande - 100 Anos de Construção*. Op. Cit, pp. 390 a 393.

na cidade, o mesmo poderia apresentar-se como desvantajoso, uma vez que, segundo Rubim, “nem todos os chefes militares têm sabido guardar a posição a cavaleiro das rixas políticas locais, abrindo espaço para que as forças federais concorressem”. Para amparar o espírito separatista de alguns políticos sem escrúpulos, criando destarte sérios embaraços à administração do Estado.²⁴ Ressaltou o autor, ainda, que:

[...] só o fato de permanecer em Campo Grande a sede da Região Militar, faz com que os habitantes de lá se julguem com direitos que as outras partes do Estado, no seu entender, não possuem. A força federal influi em tal estado de coisas à maneira de ação catalítica ou ação de presença, pois nem sempre o elemento militar participa diretamente para a situação do espírito de regionalismo dominante no lugar.²⁵

Outros dados de transformações em Campo Grande ocorreram com a chegada da luz elétrica e da rede de água urbana, ambos na década de 1920, gerando, segundo o arquiteto Ângelo Arruda, “mudanças de hábitos e, portanto, de organização no espaço da casa campo-grandense”²⁶. As obras de encanamento tubulado da água começaram na administração de Arlindo Gomes e foram concluídas, pelo menos no perímetro urbano de Campo Grande, em 1926, durante o mandato de Arnaldo Figueiredo, período em que chegaram à cidade as primeiras torneiras e registros importados da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Deste modo, segundo Arruda:

O layout da casa muda: antes, a latrina era externa (já que a atividade de tomar banho podia ser exercida dentro do quarto, com latões de água), nos quintais e com a chegada desse serviço muito caro pela importação do material, forçou que banheiro e cozinha ficassem próximos para economizar na tubulação. Com essa modernidade foi erguida a primeira casa de Campo Grande com banheiro tubulado e interno: a residência do próprio Intendente da época das benfeitorias, Arnaldo Figueiredo, projetada pelo engenheiro Camillo Boni em 1922.²⁷

²⁴ RUBIM, Rezende. Op. Cit., pp. 125-26.

²⁵ Idem, p. 126.

²⁶ ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. Op. Cit. 2003. s/p.

²⁷ ARRUDA. Idem.

Outra transformação ocorrida em Campo Grande diz respeito à instalação da Companhia Mato-grossense de Eletricidade (CME), na década de 1920, substituindo o ciclomóvel²⁸ - gerador a vapor de potências desconhecias que supria as necessidades de energia elétrica no perímetro urbano de Campo Grande. A CME construiu, em 1924, na região do Inferninho, próximo à fazenda do Dr. Vespasiano Martins, a Usina do Ceroula, com turbinas Pelton Voigt/ Siemens e um sistema de “11,4 kV, com cerca de 15 quilômetros, transmitindo e distribuindo a partir de um prédio em uma empresa à Rua General Rondon, esquina da Avenida Calógeras, de onde derivavam os alimentadores pioneiros e se situavam as balanças de série da iluminação pública em 2,2 kV.”²⁹

Com a instalação da usina e a ampliação da potência elétrica, os habitantes de Campo Grande viram a chegada de novos aparelhos de caráter doméstico, como a vitrola e os refrigeradores (vale a pena frisar que houve a possibilidade de uso desses aparelhos e não a sua popularização) e os de caráter mais público, como o cinema, com tecnologia sonora e visual, que promoveram enormes transformações sociais e arquitetônicas na cidade.

Com efeito, por um breve período durante a chamada Revolução Constitucionalista de 1932, Campo Grande transformou-se em capital do Mato Grosso Civil, com as forças revolucionárias nomeando o Prefeito Vespasiano Martins, Governador do Estado. Contudo, as intenções separatistas do sul ou, no mínimo, o desejo de transformar Campo Grande na capital de Mato Grosso foram frustrados com a vitória das forças legalistas, durando apenas 82 dias.³⁰

²⁸ A respeito do ciclomóvel sabe-se que era um gerador de energia elétrica instalado pelo Sr. Antônio Veronese, na rua 26 de Agosto, em Campo Grande. Durou até 1924, quando foi substituído pela *Usina do Ceroula*. O que não se sabe é quando o ciclomóvel começou entrar em funcionamento. *Campo Grande - 100 anos de Construção*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.p.149.

²⁹ *Campo Grande 100 anos de Construção*. Op. Cit.p.149.

³⁰JORNAL Correio do Estado, Campo Grande, 23/08/1997. Para um estudo detalhado do episódio, BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul: Do Estado Sonhado ao Estado Construído (1892-1997)*. Tese (Doutorado em História social) USP. São Paulo: 1997.

Por essa época, a cidade contava com cerca de 50 estabelecimentos comerciais, com destaque para as lojas especializadas na venda de carros e autopeças, vestuário, materiais de construção, alimentos, jóias; além de, aproximadamente, 73 oficinas e indústrias de bebidas, calçados, chapéus, derivados de leite, torrefação e moagem de café, artefatos de couro, conservas, ladrilhos e mosaicos, fogões, vinagre, “especialidades farmacêuticas” e “artefatos e tecidos”, entre outras que davam a conotação do forte crescimento econômico de Campo Grande durante a década de 1930.³¹

Segundo consta, no final da década de 1930 a cidade de Campo Grande gerava mais renda do que as demais cidades do Estado. Em 1937, por exemplo, a receita arrecadada foi de 1.192:406\$, ao mesmo tempo em que a de Cuiabá, capital do Estado, atingia a cifra de 682:726\$. No ano seguinte, enquanto a arrecadação de Campo Grande cresceu 387:478\$ em relação a 1937, a renda da capital caiu para 585:529\$.³²

A tentativa de veicular uma imagem positiva de Campo Grande como centro urbano, econômica, política e culturalmente dinâmico, moderno e “civilizado”, aparece de forma nítida no *Álbum de Campo Grande*. Editado em 1939, durante as comemorações dos 40 anos de emancipação do município, pode-se afirmar que, em linhas gerais, essa obra seguia critérios e intenções semelhantes aos do *Álbum Gráfico de Mato Grosso*. Porém, ao contrário de seu congênere, publicado em 1914, uma alentada obra de quinhentas e duas páginas em tamanho 30 x 40 cm, e pesando 4,5 kg, por isso mesmo considerada de difícil manuseio, o *Álbum de Campo Grande* parecia pretender, para si, a praticidade de um guia geral da cidade, breve e sucinto, de modo a ser apreciado e lido no decorrer de uma viagem.³³

Nem por isso essa publicação era menos pobre em

³¹ *Revista Folha da Serra*, Campo Grande, 1933.

³² *Álbum de Campo Grande*. Campo Grande: Tipografia O Progressista, 1939, p. 95.

³³ Um estudo pormenorizado do *Álbum Gráfico de Mato Grosso* pode ser encontrado em: ZORZATO, Osvaldo. *Conciliação e identidade considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*. Tese (Doutorado em História) USP. São Paulo:1998.p. 38-60.

imagens fotográficas, as quais estavam dispostas, de maneira geral, nos seguintes eixos temáticos básicos: paisagens naturais, remetendo às áreas do entorno da cidade; construções, com destaques para a edificação de novos prédios, casas, pontes; atividades econômicas, ressaltando a pecuária, a agricultura, o comércio e a indústria local; vias de comunicação e meios de transportes, evidenciando a modernização das ruas, a presença do transporte individual e coletivo; vida social e cultural, com ênfase para cenas de família, bailes, clubes, cinemas, escolas, ambientes de trabalho, esportes, piqueniques, etc; personalidades, enfocando indivíduos dos mais diversos segmentos sociais, mas com especial reverência às autoridades civis e militares, empresários e personagens ligados aos segmentos sociais emergentes, como funcionários públicos e profissionais liberais, advogados, médicos, engenheiros, entre outros.

Os progressos materiais da cidade apareciam assinalados nas imagens relativas às atividades econômicas e nas referentes às vias de comunicação e meios de transportes. Nas primeiras, além do registro das inúmeras casas comerciais, a exemplo da Casa Mansour, definida como “o maior e mais bem sortido estabelecimento comercial de Mato Grosso³⁴, o *Álbum* também destacava, enquanto marca da modernização econômica do município, a maquinaria utilizada em indústrias como a Fábrica Mandetta de bebidas, a Panificadora Esperança, única em Mato Grosso a possuir os “afamados fornos contínuos Pensotti., em “oficinas” como as da Tipografia O Progressista, onde o próprio *Álbum* fora impresso.³⁵ Paralelamente, a obra dava grande destaque às ações da “numerosa e hoje unida classe dos fazendeiros da parte meridional do Estado”, sublinhando a incorporação, por parte dos pecuaristas, de novas raças e de técnicas modernas de criação, observando, além disso, a prosperidade da lavoura de café - produto introduzido no município em 1911 pelo imigrante sírio Antonio Abdo, proprietário da fazenda Mateira,

³⁴ *Álbum de Campo Grande*. Campo Grande: Tipografia O Progressista, 1939, p. 71.

³⁵ *Álbum de Campo Grande*. Op. Cit. p. 71.

definida como “a maior organização agrícola” do Estado. Conforme vinha anotado no *Álbum*:

O cafezal vinga e aumenta de muitos milhares de pés, acrescidos todos os anos. Em 1930, contava a Mateira com 140.000 pés de café, fora plantações de cana e mandioca, excelentes pastos e criação de gado bovino e suíno e galináceo. [...] Digno de nota, juntamente com o cafezal, é o canavial, que ocupa uma área de 10 hectares, fora o bellissimo pomar de laranjeiras, abacateiros, ameixeiras, limoeiros e outras árvores frutíferas. Tem a Mateira modemos maquinismos de descascar café, com produção diária de 40 sacos, de beneficiamento de arroz, limpando 25 sacos, e de cana, moendo 8 carros por dia da mesma plantação. Este ano (1939) calcula-se a safra do café da Mateira em 2.500 sacos de 60 quilos cada um.³⁶

Essa dinâmica econômica refletia-se, segundo pretendia atestar o *Álbum*, na modernização do equipamento urbano de Campo Grande, materializada na ampliação de ruas e avenidas como a 13 de Maio, a Barão do Rio Branco e a Avenida Mato Grosso, ao longo das quais podiam ser vistas “modernas casas recentemente construídas”³⁷; na expansão da própria área urbana, expressa na oferta de venda de lotes em bairros como a Vila Planalto, cuja aquisição era apontada como “o melhor emprego de capital”, e o bairro Amambaí, “sentinela avançada de Campo Grande”, onde estavam localizados os projetos de construção da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e da residência dos padres redentoristas³⁸, bem como na implantação de novos meios de comunicação e transportes, a exemplo da instalação da primeira linha telefônica³⁹, da presença do auto-ônibus que circulava em alguns bairros “de quatro em quatro horas durante o dia e parte da noite”⁴⁰, dos caminhões que passavam a trafegar as rodovias, da própria ferrovia, e até mesmo do avião.⁴¹

³⁶ idem, p. 30-31.

³⁷ Idem. p. 94 e 117.

³⁸ Idem, pp.46, 101, 58-59.

³⁹ Idem, p. 139.

⁴⁰ Idem. p. 46.

⁴¹ Idem, p. 138.

Não obstante esses traços do progresso, o *Álbum* também dava destaque para algumas “tradições que não morrem”, enfatizando a frequência, nas estradas “velhas” do sul de Mato Grosso, dos carros de boi mineiros, dos quais nem mesmo os caminhões da marca “Internacional” conseguiam tirar a “realeza”.⁴² Nesse sentido, sugeria-se que progresso e tradição constituíam faces da mesma moeda, a partir da qual configurava-se a identidade regional: o passado e o futuro que deveriam irmanar todos os mato-grossenses, filhos da terra ou não.

De todo modo, em decorrência das transformações econômicas e urbanas, a própria vida social e cultural da cidade se vitalizava. Para atender às expectativas de lazer e cultura que uma cidade moderna deveria possuir, foram surgindo em Campo Grande praças, sorveterias, bares como o Para Todos, o Parque Balneário, com regras estabelecidas para os horários de banhos de piscina para homens e mulheres; o Rádio Clube, local de encontro e de bailes freqüentados pelas elites campo-grandenses; além dos cines-teatro como o Santa Helena e, em especial, o Alhambra, criado em 1937 e definido como palácio encantado das mil maravilhas do som e da luz”. De acordo com o *Álbum de Campo Grande*:

A não ser São Paulo, Rio e outras capitais dos estados, nenhuma cidade do interior tem uma casa de espetáculos, no gênero, tão luxuosa e grandiosa. Rara é a noite em que o Cine Teatro Alhambra, nas suas duplas sessões, não se enche da fina flor de Campo Grande. A par do mais refinado bom gosto e da comodidade que oferece o amplo salão com as suas muitas centenas de cadeiras, as fitas que são passadas no ECRAN são das mais afamadas marcas do mundo e maior retumbância em aplausos na atualidade. A “Metro Goldwyn Mayer”, a “Paramount Films”, a “RKO Radio Pictures”, a “Warner Bros First”, a “Columbia Pictures”, etc., nomes célebres em produção, todas as semanas exibem no Alhambra os filmes de maior notoriedade. Os aparelhos, tanto de som, Westem Electric, como o de graduação de luzes multicolors, Traynon, este o único usado na América do Sul, são a última palavra nas técnicas cinematográficas’.⁴³

⁴² Idem.p.110.

⁴³ Idem.P.76.

Contudo, o *Álbum* advertia que, diferente das grandes cidades do país, Campo Grande não era só “a urbes que impressiona o forasteiro pela harmonia retilínea de suas ruas, elegância de seus prédios, febricidade de seu comércio e operosidade crescente de seus habitantes”, tinha também “a graciosidade sempre primaveril dos seus arrabaldes, povoados de poéticas chácaras e convidativos sítios, que são remanso de gozo para luta diurna cidadina”.⁴⁴

Novamente aqui, o embricamento entre o progresso e a tradição. Antes de se constituir um espaço marcado pela natureza selvagem, os arredores de Campo Grande eram representados como lugares de convivência, refletindo, por outro lado, o que o meio ambiente poderia oferecer em termos de exploração econômica. É assim que, em muitas fotografias, famílias inteiras são retratadas em piqueniques à beira de rios como o Aquidauana e o Taquari, com destaque para o potencial de suas quedas d’águas e para as possibilidades do garimpo, especialmente em Rochedo. Representações dessa natureza, há muito praticamente domada pela gente matogrossense, também se faziam presentes nas imagens de animais selvagens, como as onças, tidos como de estimação.

Dado fundamental nesse processo de domesticação da natureza é a presença, sempre marcante nas fotografias, das mulheres em primeiro plano. Nesse quadro, insinua-se a interação entre a mãe natureza e a mulher-mãe, ao mesmo tempo civilizada e civilizadora, e a cidade de Campo Grande como a grande mãe acolhedora, no sul de Mato Grosso, de indivíduos vindos dos mais diversos lugares do país e do mundo e das mais diferentes classes sociais. Assim, embora o *Álbum* procurasse destacar as figuras mais relevantes da sociedade local, não deixava, contudo, de mencionar a presença de indivíduos marginalizados como engraxates e mendigos:

A nossa cidade, não podendo fugir a regra geral, também tem seus tipos populares [...] figuras anônimas, sofredoras, que ora nos arrancam gargalhadas com seu grotesco, como nos compungem o coração com a sua desdita erradia. [...] Campo Grande é a terra favorita dos pequeninos engraxates e dos

⁴⁴ Idem.p.17.

grande pedintes, todos eles ganham a vida, porque o povo campo-grandense é bom e generoso.⁴⁵

Surgido num momento de transição, em que Mato Grosso deixava de ser representado pelo “estigma da barbárie”⁴⁶ para se incorporar à nacionalidade como “reserva de brasilidade”, o *Álbum de Campo Grande*, produzido com o objetivo explícito de ser “verdadeiro espelho das atividades de seus filhos, tanto os nativos como os adotivos, nos diversos labores humanos”⁴⁷, elaborava, por outro lado, sutilmente, um objetivo implícito: o de edificar um quadro indentitário que colocava os habitantes do sul de Mato Grosso, em particular os campo-grandenses, como elementos plenamente incorporados à nacionalidade, porém como brasileiros distintos.

Por fim, o controle do imaginário social dos habitantes da cidade teve como elementos simbólicos a chegada do progresso através dos trilhos da ferrovia Noroeste do Brasil, a regulamentação das condutas pelos Códigos de Postura, a manutenção da ordem pública através da construção da 9ª Região Militar e a divisão espacial entre os “homens bons”, “abastados”, ou melhor dizendo, os “filhos da terra” na região norte e os “paus-rodados” e “perigosos” na região oeste da cidade.

Deste modo, coube ao *Álbum de Campo Grande* divulgar o discurso do progresso, da ordem e da civilização, alertando aos que estavam ou tinham a pretensão de morar na cidade que ali “o processo civilizador”⁴⁸ foi instaurado e esse era articulado de elementos que indicavam os códigos de condutas socialmente aceitáveis.

⁴⁵ Idem.p.65.

⁴⁶ Para uma análise das representações de Mato Grosso através do estigma da barbárie, ver GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos Confins da Civilização: Sertão, Fronteira e Identidade nas Representações sobre o Mato Grosso*. (Tese de Doutorado) SP: USP, 2.000.

⁴⁷ Cf. *Álbum de Campo Grande*, p. 30.

⁴⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1990. v. 1

O progresso chega ao sertão: transformações urbanas em Campo Grande no início do século XX.

Carlos Alexandre Barros Trubiliano

Carlos Martins Junior

Resumo: As primeiras décadas do século XX foram marcadas por significativas mudanças para o sul de Mato Grosso, sobretudo, para cidade de Campo Grande. A chegada da ferrovia e a instalação dos quartéis levaram as elites local a remodelarem a cidade, uma vez que a “ordem pública” estava ameaçada pela chegada de novos agentes sociais, representados, de um lado, por empreendedores/investidores e, de outro lado, por novos personagens urbanos, a exemplo de trabalhadores, jogadores, prostitutas, etc. Em linhas gerais, ambos poderiam significar ameaça às elites. Diante desse contexto, o presente artigo pretende discutir, os reordenamentos, que ocorreram, à época, no interior dessas elites e no espaço público, bem como, refletir sobre o controle do imaginário social dos habitantes da cidade

Palavras chave: Identidade; territorialidade; representação; sertão

Abstract: The Estado Novo (1937-1945) was a period of significant change for Mato Grosso. The program of colonization entitled Marcha para Oeste, announced by President Vargas, in 1937, renewed not only the prospects of development for the state, but at the same time opened the possibility of the arrival of new social actors, represented, on one side, for entrepreneurs/investors and, in addition, for new urban characters, like employees, players, prostitutes, etc. Generally speaking, both could mean threat to the dominant local elites. Accordingly, this article intends to discuss the resettling, occurring at the time, within those elites at the same time it was committed in developing and/or strengthening the positive images of the state, in order to, definitely, delete the “stigma of barbarism” that they traditionally characterized.

Key words: Identity; territory; representation; hinterland

Artigo recebido para publicação em 30/10/2007

Artigo aprovado para publicação em 03/10/2008